

## Maria Lúcia Amaral

Foram especialmente generosos comigo os Amigos de Benedita Mac Crorie, que decidiram organizar este livro de homenagem. A elaboração de um estudo dogmático sobre as áreas de Direito Público às quais se dedicou a Benedita é tarefa para a qual, de momento, me não sobra o tempo e se me não orienta o espírito. No entanto, e apesar disso, foi-me dada a possibilidade de participar nesta iniciativa conjunta, rendendo homenagem à nossa Amiga por outra via que não a da discussão de questões de ciência.

Benedita Mac Crorie pertence a uma geração que viveu em pleno a grande transformação do ensino universitário do Direito no nosso País. No tempo em que me formei, nos anos oitenta do século passado, os juristas dispunham em Portugal de dois centros de educação superior. O mundo da nossa “comunidade científica” ia de Lisboa a Coimbra e não contemplava paragens ou desvios para quaisquer outros lugares – a não ser o da Universidade Católica, que muito pouco tempo antes se estendera, também, ao ensino das nossas questões. Mas em apenas duas décadas a paisagem mudou radicalmente. A pluralidade das instituições que hoje se dedicam à investigação

e ao ensino do Direito é um dado definitivamente inscrito no quadro das Universidades portuguesas.

Não lamento, nem por um momento, a “perda” do pequeno universo no qual fui educada. A sua limitação era uma singularidade exótica no plano europeu e um obstáculo claro ao desenvolvimento no plano nacional. No entanto, a transição entre o pequeno mundo fechado de ontem e o quadro plural, aberto e concorrencial de hoje foi tão rápida que ninguém que a tenha vivido pôde deixar de se sentir, por vezes, perplexo com as novidades que a transformação trazia.

Conversei muitas vezes com a Benedita, que se tinha empenhado no ensino e na investigação em um dos novos centros universitários, de todas estas questões. E se, neste momento, me não consigo imaginar em silêncio, sem lhe prestar a homenagem que merece, tal deve-se muito especialmente à forte impressão que sempre me causou a sua – chamemos-lhe assim – “personalidade universitária”, que, no quadro turbulento da transição, se destacava por qualidades que, de tão visíveis, imediatamente atraíam. A seriedade, o amor genuíno ao estudo, a dedicação ao ensino, o desinteresse por questões menores e a simpática vontade de colaborar eram características pessoais que se revelavam logo nas primeiras conversas. E como fui sempre acompanhando o percurso ulterior que a Benedita seguiu, posso hoje dizer (na realidade, *devo* hoje dizer) que, sem ela, a nossa Universidade ficou bem menos generosa, bem menos brilhante, e, permitam-me que o diga, também um pouco mais agreste.